

Animação Turística: conceitos, fundamentos, objetivos e paradigmas

Marcelino de Sousa Lopes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Membro do Centro de Investigação em Estudos da Criança - CIEC (Unidade de I&D da FCT)

Para falar com sensatez, temos mais interesse em desfrutar do mundo do que em conhecê-lo.
Saint-Evremond

Introdução

De que é que falamos quando falamos de Animação Turística? Neste artigo pronunciamos os propósitos que estão subjacentes a esta metodologia de intervenção denominada Animação Turística e que se ligam à necessidade de gerar partilhas, conhecimentos, convivências (viver com e não só), envolvimento, interação. Uma mediação que confere ao turista o envolver em vez de ver, uma ação com compromisso social, cultural e educativa...estes são os pilares daquilo que consideramos ser Animação Turística que procura ainda o lado humano da vida onde os afetos, o conhecimento, a confiança constitui o amago desta intervenção.

A Animação Turística procura assim uma intervenção alicerçada numa pedagogia da vivência fundamentada nos clássicos pilares da educação: *Ser, Saber, Saber Fazer e Aprender a viver Juntos*, onde o *Ser* Pessoa deve corresponder a um ser humano com rosto e identidade, não a um mero número, requer um cidadão com cidadania ativa que não confunde o ser com o ter e que dita a sua conduta pelo respeito pelos demais. Cidadão que alia o Saber (teoria) ao Saber fazer (prática) e vice-versa pois teoria sem prática conduz à tecnocracia e prática sem teoria corresponde ao praticismo e um aprender a viver juntos de forma permanente e onde a Animação Turística leva ao encontro de uns com os outros num interagir, numa partilha e num envolvimento marcado pela mobilidade e plasmada no reforço da valorização da diferença, da descoberta e da humanização da vida.

Palavras-chave: Animação Sociocultural, Animação Turística, Participação, Autonomia, Cidadania, Educação, Interculturalidade, Cultura, Património, Artes, Literatura, Desenvolvimento local.

1. O Que é a Animação Turística

A animação turística tem vindo a ocupar uma importância crescente no contexto da atividade do turismo, mesmo contra a vontade daqueles que pretendem reduzir o turismo a uma mera dimensão gestora e económica.

Esta crescente procura deve-se à utilização, cada vez mais frequente, de um conjunto de técnicas

orientadas para potencializar e promover um turismo que estimula as pessoas a participarem, crítica e informadamente, na descoberta dos locais, sítios e monumentos que visitam. A Animação turística tem como objetivos centrais os seguintes:

- levar as pessoas a relacionarem-se com o meio que visitam (pessoas, património natural, paisagem, crenças e tradições, património arquitetónico, associações existentes, artesanato, gastronomia, festas populares, etc.);
- substituir o ver pelo envolver, procurando uma integração ativa social e cultural;
- criar processos dinâmicos e criativos, fruto de diferentes interações, em que articulem valências culturais, sociais e educativas;
- transformar o tempo livre em ócios criativos e rejeitar o tempo morto e a ociosidade depressiva;
- estabelecer a comunicação entre a população nativa de um espaço visitado com a população visitante, através de eventos e experiências que passem por convivências, assentes em partilhas de saberes, partilhas culturais, partilhas inter e multiculturais.

Num conceito alargado de Animação, pretende-se que esta projete, junto do turismo, a sua capacidade técnica e metodológica de gerar processos participativos e criativos, de otimizar recursos humanos e outros, de promover a interação social, de potencializar o desenvolvimento social e pessoal, sempre com a preocupação central de levar a pessoa a uma interação e autodesenvolvimento que decorram das aprendizagens ativas.

Mas o que é a Animação Turística? Partimos de três definições para aferirmos o que entendemos por Animação Turística.

“Podemos definir a Animação Turística como um conjunto de ações e técnicas direcionadas a motivar, promover e facilitar uma maior e mais ativa participação do turista no desfrute do seu tempo de férias, no níveis e dimensões que isto implica. (...) A Animação Turística exige por sua vez uma especial atenção para as relações humanas, a dinâmica de grupos e a convivência, isto implica, colocar acima de tudo, o desenvolvimento de uma ação coerente e continuada de motivação, capaz de suscitar um autêntico interesse no turista e estimular a sua participação”

(Chaves e Mesalles, 2001: p. 20)

“Entendemos a Animação Turística como um conjunto de técnicas orientadas para potencializar e promover o turismo que estimule as pessoas a participarem crítica e informadamente, na descoberta dos locais, sítios e monumentos que visitam, tendo como pressuposto a necessidade de se criar motivação e implicar o turista numa

participação cultural e social que não descure o relacionamento com o meio e com as populações visitadas.”

Lopes, (2006:364-365)

“A Animação Turística é, de forma crescente, considerada um elemento determinante da procura turística, captando novos fluxos para as regiões/destinos, uns já “turistificados” mas em busca de fatores de revitalização, outros ainda em situação de periferia face às dinâmicas de desenvolvimento do turismo (...).

Alves e Ferreira (2009)

Elementos caracterizadores de Animação Turística

Autor	Fundamentação	Estratégias
Chaves e Mesalles	Promover a participação. Enfoque nas relações humanas e na dinâmica de grupos	Conjunto de ações para motivar e estimular o Turista.
Lopes.	Trocar o ver pelo envolver. Implicar o Turista numa participação cultural e social que envolva as comunidades visitadas.	Conjunto de técnicas para potenciar e promover o turismo.
Alves e Ferreira	Imprime dinâmicas para o desenvolvimento Turístico.	Elemento determinante para a captação de turistas.

Fonte: Chaves/Mesalles (2001), Lopes (2006), Alves /Ferreira (1999). Adaptação Própria.

O aspeto fundamental da Animação turística é a interação com as pessoas e com o meio envolvente , é gerar um potencial desenvolvimento económico, social, cultural, ambiental à volta de uma participação comprometida com o desenvolvimento social e pessoal do ser humano.

2. A Animação Turística potenciadora da Cultura, Património e das Artes

Importa aqui aferir da importância da cultura, património e Artes como meio de Animação Turística, vamos referir alguns exemplos paradigmáticos de como esta tríade artística e cultural (Cultura, património, artes) tem um peso deveras relevante para o turismo. Tomemos dois exemplos para constatar o potencial mobilizador do Teatro para a Animação Turística:

A elevada taxa de clientes do Hotel Pennsylvania de New York constitui um significativo exemplo do peso que a produção teatral tem numa cidade. Nesta cidade existem 40 companhias de teatro profissional onde ocorrem visitantes de todo o mundo para ver a permanente produção teatral. Assume aqui destacar a Broadway – um espetáculo de Teatro na Broadway definitivamente é algo que não se pode perder, é algo marcante para qualquer humano.

Um outro exemplo é o festival de Teatro de Avignon, realizado em Julho de cada ano. Apelidado de o “maior festival de teatro do mundo”. O Festival de Avignon foi criado em 1947 por Jean Vilar. Durante o festival de teatro, todas as ruas do centro se enchem de música e pantomina num clima de Animação permanente. A chamada seleção oficial reúne duas ou três dezenas de companhias dos quatro cantos do mundo. Um convite particular destaca habitualmente um país ou uma cultura, mas o espírito passa essencialmente pela ideia de “choc des esthétiques”. Os espetáculos principais, incluindo o de abertura do festival, realizam-se no pátio principal do Palácio dos Papas, o mesmo palco onde Vilar representou em 1947 a figura de Ricardo II na peça homónima de Shakespeare. O Teatro Municipal, a Chapelle des Pénitents Blancs ou o pátio do Museu Calvet acolhem também representações da seleção oficial. Existem neste festival dois festivais - o festival Oficial e o «Festival Off» que nasceu em 1969 e representa um espaço marcado por uma grande heterogeneidade de expressões e inovadoras correntes estéticas. As inúmeras companhias presentes apresentam os seus espetáculos nas pequenas salas da cidade mas também nas ruas e nas praças, nomeadamente na Praça do Relógio e na Praça do Palácio. Estivemos na edição de 1984 e assim podemos testemunhar o pulsar de uma cidade à volta deste evento. A observação feita *in-loco* permite-nos atestar o envolvimento de uma cidade com o seu festival e a grande mobilidade humana à volta do fenómeno teatral.

A música é um outro exemplo de mobilização de pessoas como o atesta os festivais de verão, nomeadamente: o festival de Paredes de Coura, o festival de Vilar de Mouros, Festival de Carviçais, o Festival de Zambujeira do Mar...

Estes festivais promovem a mobilidade de milhares de Jovens fomentando a promoção das localidades e o desenvolvimento social e cultural local.

Mesmo a chamada música erudita assume um relevante papel na animação e no desenvolvimento local. Durante as décadas de 70 e 80 acompanhamos os festivais de música barroca de Mateus, por isso testemunhamos a grande mobilização à volta da música barroca, bem como dos monumentos barrocos existentes no concelho de Vila Real onde decorriam os concertos que apresentavam como ações complementares algumas ações de formação abertas ao público. Estes festivais atraíam a Vila Real um grande número de especialistas e ainda um número considerável de público arrastados por um festival que constituía uma referência nacional e internacional.

Assume também destacar o aparecimento de rotas associadas à literatura como é o caso da Rota do Crime do Padre Amaro, promovida pela Camara Municipal de Leiria, que consiste em percorrer as ruas e ruelas da Cidade de Leiria numa atenta procura dos locais onde Eça de Queiroz se inspirou para escrever tão notável obra da literatura Portuguesa. Registamos com agrado o anúncio da segunda fase desta rota que passa pela dramatização de situações descritas na referida obra e com referencias aos locais visitados.

É urgente o aparecimento de novos programas de Animação Turística associados a rotas de escritores como: Miguel Torga e que envolva os passos torquianos e que traduzem na envolvimento dos locais que inspiraram o escritor e cujos nomes estão presentes na sua vasta

obra literária como são os locais: S. Leonardo de Galafura, Nossa Senhora da Azinheira, S. Martinho de Anta, Saudel, S. Cibrão... Camilo Castelo Branco e a sua ligação à Samardã, a Friúme, Castelo de Pontido... Almeida Garrett e as suas viagens pelo Vale de Santarém, (como é de lamentar o abandono da casa da Joanhina e todo o vale). A rota de Saramago assente no “seu” Ribatejo com as suas histórias, contos, saberes, costumes, etc.

Assumimos a convicção que o turismo cultural apoiado pelas técnicas de Animação Turística muito podem contribuir para dar vida e captar novos públicos e promover o nosso património material e imaterial.

3 . O espaço rural na Animação turística

Eu vejo o mundo pelos olhos da minha aldeia.

(Leon Tolstói)

A qualidade do turismo no espaço rural está relacionada com um conjunto diversificado de fatores, relacionados com os recursos naturais e, também, socioculturais das diferentes regiões do país, com destaque para a paisagem, espaços verdes, tranquilidade, património arquitetónico rural, artesanato, gastronomia, festas e romarias tradicionais, usos e costumes, acontecimentos religiosos, culturais, teatrais (destaque para um teatro religioso rural, relacionado com os autos), práticas comunitárias, rituais pagãos e religiosos, medicinas alternativas (baseadas no uso de rezas e encantamentos), fauna, flora, jogos tradicionais populares e práticas tradicionais da cultura da terra – a monda e as canções ligadas a esta prática, o linho e as suas diferentes fases, a cultura da vinha e do vinho, com destaque para o cancionero relacionado com a vindima e a pisa da uva, os cantares no lagar, enquanto se pisa a uva, as ceifas, as sachas e as regas, etc.

O turista, sensibilizado para o espaço rural, por princípio, não procura desfrutar de um ócio reduzido à ociosidade, procura, antes, descobrir ambientes naturais e conviver com as pessoas que neles habitam; procura envolver-se com o meio, interagindo com ele com vista à descoberta de uma cultura humanizada e cheia de significados. Por isso se torna urgente o desenvolvimento de programas de Animação que cumpram este desiderato e que sirvam não só para promover o turismo no espaço rural, como também, para revitalizá-lo.

O Turismo no espaço rural carece da animação para promover a ruralidade e isto passa por uma ação que envolva o turista no referido ambiente rural e ainda por programas que promovam a descoberta deste “reino maravilhoso” como muito bem lhe chamava Miguel Torga.

As potencialidades deste turismo não se esgotam numa determinada época do ano, porque a cultura popular e as práticas culturais comunitárias não são de natureza sazonal; elas ocorrem todo o ano, o que determina a necessidade de uma coordenação e promoção das ações a realizar a nível nacional. Esta noção ampla de turismo e de ação continuada é defendida pelas autoridades europeias, ao expressarem a ideia de que:

“O turismo rural é uma noção vasta que abrange não só o turismo, uma quinta ou o agroturismo, isto é, o alojamento proporcionado por um agricultor, mas igualmente toda a actividade turística num espaço rural. (...) – este tipo de turismo exerce uma certa atracção sobre o cidadão que procura passar umas férias tranquilas no campo e poderia, se fosse melhor conhecido, desenvolver-se e contribuir para realizar o objectivo de uma melhor repartição do turismo no espaço e no tempo (menor dependência do bom tempo do que o turismo de massas).”

(Comissão das Comunidades Europeias, reunião de 31.01.86.
In Baptista: p. 226)

Ainda nesta reunião da Comissão das Comunidades Europeias foi manifestada a vontade de estudar, com especialistas, ações de fomento e promoção do turismo rural, tendo-se mesmo considerado a Animação como uma atividade de lazer que promove a interação entre turistas e população.

Animação turística em espaço rural

Turismo	Tipo Características	Animação tipo
Turismo de Habitação	Alojamento de natureza familiar. Casas com elevado valor arquitetónico. A exploração da casa assenta em famílias que coabitam com o turista.	Animação centrada na descoberta do meio que passa por: - Conhecer a história da casa e a sua inserção no meio; - Promover a interação com os locais; - Dar a conhecer as práticas culturais locais; - Projetar os saberes locais nos diferentes domínios: agrícolas, medicina popular, contos, histórias de tradição oral, etc.
Turismo Rural	Serviço prestado em casas rústicas, que apresentam características típicas, de acordo com os padrões regionais, e são geridas por estruturas familiares.	- Facilitar a interação entre meio e turista; - Dar a conhecer a história local; - Promover ações a partir de iniciativas locais, com a intenção de converter a população residente em gestora e protagonista de uma verdadeira Animação Sociocultural.
Agro-turismo	Serviço prestado em casas particulares, que apresentam extensões agrícolas consideráveis, e que permitem ao hóspede/turista o acompanhamento e aprendizagem de técnicas e trabalhos agrícolas, em coabitação com os proprietários.	- Levar à aprendizagem de saberes relacionados com trabalhos agrícolas e a sua ligação ao património cultural; - Centrar a Animação numa relação entre turistas e habitantes locais, que passa pela valorização do meio rural e pelos saberes aí existentes.
Turismo de Aldeia	Estrutura composta por um mínimo de cinco casas particulares, situadas numa determinada aldeia, e exploradas de forma integrada. Devem apresentar características identificadoras da zona onde estão inseridas.	- Focalizar a Animação na interação com práticas culturais seculares, com destaque para: serões tradicionais, contadores de histórias, jogos tradicionais populares, teatro religioso.

Casas de Campo	Estrutura similar às casas de Turismo de Aldeia.	- Direcionar a Animação para práticas culturais rurais.
Hotéis Rurais	Estruturas geridas por famílias. Localizadas em zonas rurais, têm uma dimensão entre 10 a 30 quartos.	- Veicular a interação entre o espaço, o turista e residentes locais.
Campismo Rural	Estruturas localizadas no espaço rural, podem, inclusivamente, ligar-se a actividades agrícolas, e desenvolvem uma relação com o meio rural.	- Frequentado por jovens citadinos que pretendem conhecer o meio rural, está associado a um trabalho agrícola calendarizado, como, por exemplo: vindimas, apanha de fruta, etc; - Promover a dimensão pedagógica do espaço rural, que passa pela descoberta da fauna, flora, etc

Fonte Baptista.1990. Adaptação própria

4. Animação turística e roteiros regionais

Tendo em conta uma determinada região, no caso Trás-os-Montes, propomos, de seguida, roteiros de oferta turística que não se circunscrevam a uma mera visita local, mas que contemplem a sua Animação, e, ao mesmo tempo, possibilitem ao turista um conhecimento da região e das suas potencialidades.

Nome do Roteiro	Localização Animação	Tipo
Roteiro do Vinho e da Vinha	Região Demarcada do Douro.	Levar o turista a conhecer formas tradicionais de cultura da vinha e do vinho, que passam por: - Participar numa vindima; - Apreender as canções relacionadas com as vindimas; - Conhecer a gastronomia própria das vindimas; - Participar numa pisada de uvas; - Aprender as danças ligadas ao trabalho de pisar; conhecer as diferentes fases do vinho.
Roteiro dos Parques Naturais	Parque Natural do Alvão, em Vila Real e Parque Natural de Montezinho, em Bragança.	- Aprender a fauna e a flora existentes; - Interagir com as populações residentes nas áreas dos parques; - Contactar com a arquitectura, paisagem, hábitos, tradições, produção artesanal, etc.
Roteiro da História	Romanização – Chaves e Vila Real; Barroco – Vila Real; Castelo do Pontido em Vila Pouca de Aguiar; Arte Rupestre – Alijó e Foz Côa.	- Animar a história, que passa por animar os locais pela via da participação activa dos residentes e da interacção com turistas, através da dramatização de factos históricos, relacionados com o espaço; e a criação de eventos temáticos que passam

Nome do Roteiro	Localização Animação	Tipo
		por: congressos da bruxaria e feitiçaria medieval, jogos e corridas medievais, universidades de verão medievais, etc.
Roteiro da Literatura	Os Espaços e os Passos Torguianos e Camilianos em Vila Real, Vilarinho da Samardã, Chaves, S. Leonardo de Galafura, S. Martinho de Anta, Sabrosa, Gerês...	<ul style="list-style-type: none"> - Promover o espaço percorrido pelo escritor, Miguel Torga, que contempla: S. Leonardo de Galafura (relato da história de S.Leonardo), S. Martinho de Anta (visita à casa onde nasceu e à sua campa); visita aos locais transmontanos referidos na sua obra, nomeadamente: Chaves, Saudel, Nossa Senhora da Azinheira, Loivos, S.Cibrão, Vilarinho, etc. - Possibilitar o contacto com pessoas vivas que privaram com o escritor. - Ler contos e poemas do autor. <p>No roteiro camiliano dar a conhecer o espaço percorrido pelo escritor, nomeadamente Vilarinho da Samardã, Vila Real, Friume, Pontido...</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relatar as Histórias Camilianas; - Encontrar especialistas Camilianos; - Ler extractos que referem os locais visitados.
Roteiro do Barroso	Boticas e Montalegre.	<ul style="list-style-type: none"> - Ampliar a tradição do vinho dos mortos em Boticas; - Vivificar o roteiro dos moinhos, dando a conhecer a história de cada moinho; - Levar os turistas ao conhecimento do ciclo do pão – semear, ceifar, malhar, moer, amassar e o ritual do forno. - Lembrar os espaços comunitários Barrosãos.
Roteiro do Artesanato	Linho em Agarez, Couto /Adoufe e Cerva; Olaria em Nantes e Bizalhães; Cestaria em Fiolhais e Socaria em Varge.	<ul style="list-style-type: none"> -Revelar as etapas do linho: sementeira, monda, faz-se a barrela, malha-se, fia-se, tece-se, e só depois, poderá aparecer o pano; - Contactar sempre através da envolvimento na criação de utensílios artesanais.
Roteiro do Folar	Valpaços	<p>Animação não direccionada apenas para a promoção do produto, mas, também, dirigida ao conhecimento do processo de fabrico.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Levar o turista a apreender o ciclo da feitura do folar, com todas as suas componentes: socais, culturais, rituais e económicas.
Roteiro das Águas	Pedras Salgadas, Vidago, Campilho, Carvalhelhos e Chaves.	<p>Animar a estrada termal da região:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ligar a água ao espaço físico; - Viajar na história e retratar o apogeu termal; - Divulgar a literatura ligada às termas, através das técnicas de dramatização e

Nome do Roteiro	Localização Animação	Tipo
		leitura expressiva.
Roteiro do Comunitarismo	Couto Dornelas, Salto e Rio D'Onor	Animação centrada no propósito de ligar o comunitarismo a práticas comunitárias, não desligadas do contexto humano solidário, que passa por levar os turistas a interagirem com os espaços e os saberes comunitários: forno do povo, lavadouro do povo, o boi do povo, as trocas, as partilhas, a lei das águas, o trabalho comunitário.
Roteiro das Festas e Romarias	Acções calendarizadas a nível regional.	- Readquirir o sentido original da festa ligada ao propósito de todos participarem nela, numa tentativa de anular a emersão de novas tendências que levam à separação das pessoas entre as que actuam e as que observam.
Roteiro da Gastronomia	Âmbito Regional.	Animação centrada não apenas nas referências gastronómicas, mas estender a aprendizagem do processo e do conhecimento do meio envolvente.
Roteiro do Turismo no Espaço Rural	Estruturas existentes na região.	Envolver todos os estabelecimentos hoteleiros rurais, para que criem formas e processos de animação assentes nas potencialidades de cada localidade, associando e interligando meios, promovendo pessoas, tradições, paisagens, etc.
Roteiro do Entrudo	Podence, Lazarim, Ousilhão.	- Divulgação do entrudo no espaço rural, que passa por, em Podence e Ousilhão, existirem caretos com máscaras de lata e de fatos garridos com chocalhos, que “provocam” os forasteiros. Em Lazarim, caretos com máscaras de madeira, que procuram interagir com os forasteiros.
Roteiro das Lendas	Misarela, Santa Comba e Maria Mantela.	Lendas que se ligam à história das localidades, e aparecem associadas a crenças relacionadas com problemas de natalidade (Misarela), pureza (Santa Comba), fertilidade feminina e amor maternal (Maria Mantela). Animação: Dramatização das lendas – interagir com os espaços das lendas e promover encontros de contadores de histórias relacionados com estas e outras lendas.

Fonte: Elaboração própria.

Promover a ruralidade é impulsionar e incitar vida a ser vivida com um sentido que resulta de um sentir povoado de humanismo. É viver em comum unidade (comunidade) com o outro, é também sentir o outro com nome próprio, onde não há lugar para o anonimato e para a indiferença humana. Sim assumimos a nossa ruralidade como um legado da vida e para a vida.

“Na minha memória, perduram as imagens desta vivência, os sons do trabalho do campo: dos arados a rasgar a terra, das mondadeiras a mondar e a cantar, dos ceifeiros na cegada, das rodas dos carros de bois a chiar, das tecedeiras a tecerem o linho, a faina das vindimas, a azáfama das malhadas, das cavas, das desfolhadas, da apanha e do varejar da azeitona, das sachas e das regas.

Existe, ainda, a recordação do regresso dos homens e das mulheres, exaustos e exangues dos trabalhos do campo, mas que, quando chegavam à povoação, ganhavam forças e percorriam todas as ruas tocando e cantando. Eram rusgas compostas por homens, mulheres, idosos, crianças, que, no tempo de convívio, sabiam tocar, de ouvido, viola, concertina, e como «artistas» que eram, tinham o condão de construir os seus próprios instrumentos.

Recordo o serão como espaço de convívio entre a família (a minha aldeia, à época, não possuía energia eléctrica, por isso, não havia ingerências exteriores, vindas de caixas abusadoras que «inadvertidamente entram pelas casas das pessoas»), iniciado com o rezar do terço (confesso que era o que menos gostava). Seguiam-se os espaços recreativos, compostos por anedotas, adivinhas, jogos, lendas, contos, conselhos e o serão acabava com o pedir a bênção aos pais, avós e tios.

Lembro-me como fui marcado pelas manifestações comunitárias. A fogueira do Natal, cuja preparação implicava o roubo consentido da lenha, para, posteriormente, ser depositada no centro da aldeia e, na noite de 24 de Dezembro, ser acesa para durar até ao ano novo, como símbolo do calor que deve existir nas relações humanas. O cantar os reis, cujas dádivas não contemplavam o dinheiro, antes enchidos, figos secos, nozes. A partilha da vaca e do burro, protagonizada por um grupo de “Animadores”, que se deslocava para o monte mais alto da aldeia e, munidos com funis para ampliar as vozes, representavam um estranho jogo de morte simbólica desses animais, distribuindo as partes mais «prendadas» aos solteirões e solteironas a quem «casavam», dedicando versos adequados quer ao «casamento» quer à «prenda». A serrada da velha, em que jovens, munidos de chocalhos e latas, fazendo um grande alarido, iam-se às portas das mulheres idosas e «serram-nas», num ritual cantado e num jogo com uma grande intensidade dramática, proferindo resposos e ditos, fazendo a apologia do novo e do renovo, que chegava com o despertar da Primavera.

Recordo o estrudo como um tempo onde os rostos eram cobertos por rendas de linho, criando, assim, os chamados “caretos”, que dissimulavam a identidade da pessoa, normalmente, travestida com roupas de cor garridas. O corpo coberto de chocalhos anunciava o aparecimento dos mascarados, espalhando alegria e partidas pelos assistentes e o terror pelos mais novos.

Tenho presente o ritual do Domingo de Ramos, em que num ramo de oliveira, depois de benzido pelo Pároco, a minha Mãe colocava doces, para que eu, posteriormente, os fosse oferecer à minha madrinha.

Não posso, ainda, esquecer os sinais de comunitarismo expressos em pedaços do quotidiano nos espaços partilhados: lavadouro; lagar de azeite, forno ou, ainda, através da entreaajuda permanente em tarefas agrícolas sem compensações financeiras, antes trocas de mão-de-obra.

Vivi e cresci neste espaço rural, cheio de tradições ancestrais, onde o tempo teimava em mover-se devagar. Os brinquedos eram construídos, fazendo carrinhos de cascas de abóboras, triciclos de tábuas, arados de ramos, foguetes de juncos e pedrinhas, telefones de caixas de fósforos e fio, bigodes de barbas de milho, com pedras jogava-se à malha, com paus construíam-se andas e dos pinheiros extraía as pinhas para, posteriormente, jogar ao pinhão.

Os meus bonecos eram especiais: sabiam a pão. Eram feitos do trigo e do centeio semeados, mondados, ceifados, malhados e levados para a tulha, transformados pelo moleiro que, ajudado pelo mistério da força da água, operava o milagre da transformação do grão em farinha. Eram amassados na masseira e colocados a levedar; então, observava a minha mãe e a minha avó a fazerem as grandes broas, cuja massa fazia prolongar os dedos como que fazendo parte integrante deles. A última massa era preparada com mais carinho, pois, destinava-se a confeccionar o meu boneco, e eu participava na construção do seu corpo, deliciando-me por assistir ao milagre da transformação da farinha em imagens.”

Lopes (2006: 37-39)

Viva o rural com ruralidade!

Conclusão

Com este procuramos responder à questão clássica sobre o que é a Animação Turística e concluímos da sua importância para um novo modelo de intervenção nas comunidades urbanas e rurais.

Salientamos ainda a importância da Animação Turística como meio de valorização e promoção de um turismo que se apoia nas referências culturais, sociais, educativas e rejeita a perspetiva redutora de ver as pessoas como números.

Também assumimos a importância da Animação Turística para a valorização e promoção das artes, do património, da cultura, do desenvolvimento local como meio de gerar um desenvolvimento sustentável e sustentado.

Registamos a imperiosa necessidade de uma animação turística que promova rotas associadas à cultura, ao património, à literatura gerando aprendizagens ligadas a passos e a espaços percorridos pelos respetivos escritores.

Rematamos o artigo lembrando a urgência da criação de roteiros animados como meio de valorização do património rural.

“Recomeça... se puderes, sem angústia e sem pressa e os passos que deres, nesse caminho duro do futuro, dá-os em liberdade, enquanto não alcances não descanses, de nenhum fruto queiras só metade.”

Miguel Torga

Bibliografia

Alves Teresa / Ferreira Carlos (2009) «O Lado Lunar da Animação Turística: uma estratégia de planeamento e Desenvolvimento Turístico e Territorial» In. Peres, Américo /Lopes, Marcelino *Animação Turística*, Chaves, APAP, p-p 96-107.

Baptista, Mário (1990): *O Turismo na Economia uma abordagem técnica, económica, social e Cultural*, Lisboa, Instituto Nacional de Formação Turística.

Chaves , António / Mesalles, Lluís (2001): *El Animador cómo organizar las actividades de los clientes en un hotel divertido*, Barcelona, Laertes.

Lopes, Marcelino de Sousa (2006): *Animação Sociocultural em Portugal*, Chaves, Intervenção.